

Boa tarde a todos e todas. Na pessoa do Presidente do nosso Regional, Desembargador Ricardo Martins Costa, cumprimento todos os presentes, colegas, advogados, membros do Ministério Público do Trabalho, amigos e familiares dos homenageados, especialmente do nosso saudoso e querido Paulo Orval.

Quando meditei sobre o que queria dizer nesta solenidade de aposição dos retratos dos diretores e diretoras da prestigiada Escola Judicial do TRT4, logo soube que não queria me prender ao quanto a nossa EJUD é precursora, em muitos aspectos, na formação de magistrados, magistradas, servidores e servidoras, e muito menos me ater ao período em que tive a honra, o privilégio e a alegria de ser sua Diretora, nos idos da gestão 2017-2019.

Talvez por isso mesmo, já passou tanto tempo, que não teria nenhum sentido reminiscências sobre eventuais legados. Pensei sobre o significado dos retratos que homenageiam pessoas que trilham as suas vidas públicas, funcionais, com propósito, ideias e ideais. Porque nada começa conosco, e nada termina conosco. Na administração pública, uma gestão segue a outra, como um elo sem fim. Na minha modesta opinião, quem chega deve manter o que funciona e é correto, deve buscar alterar o que eventualmente possa ser melhorado, e ter ideias inovadoras para que nosso andar seja sempre um passo adiante na busca de mais inteligência, mais cultura, mais conhecimento, sempre com espírito público e republicano.

Retomo a ideia do significado dos retratos e para isso recorro a três pinturas muito significativas para mim. São os retratos de *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci; *Moça com brinco de pérola*, de Johannes Vermeer; e *Autorretrato*, de Frida Kahlo. São belos. Mas, para além da beleza, o que vemos? Mona Lisa, uma mulher belíssima para os padrões de 1500, em Florença, com um enigmático sorriso, nos mostra como a burguesia se vestia (seda, brocado e veludo) e a partir disso podemos imaginar como vivia. No retrato da jovem holandesa, vemos como se vestia uma trabalhadora doméstica, serviçal da família do pintor, que provavelmente pegou um brinco de pérola de sua esposa e o colocou na serviçal para pintá-la. A roupa é simples, é possível ver os olhos lacrimejantes da jovem, e eu imagino que o pintor tenha furado, no momento de iniciar o quadro, as orelhas dela. E Frida? Em todos os seus autorretratos, vemos uma bela mulher que não se dobrou ao que era tido como elegante - não depilou seu buço, nem diminuiu suas sobancelhas, costumeiramente vestida com trajes ancestrais da sua linhagem materna, metade espanhola, metade indígena, os Calderón. Não há dúvida que ali está uma mulher à frente do seu tempo, quando todas usavam a moda europeia, ela participou de grandes e requintados eventos em Nova Iorque e em Paris, com seus vestidos mexicanos, suas flores no cabelo e enormes brincos de origem azteca.

Meus queridos e minhas queridas, o que tudo isso tem a ver com esta cerimônia? Do meu ponto de vista, tudo a ver. Nesta galeria, de diretores e diretoras da Escola Judicial do TRT4, no primeiro quarto do século XXI, temos oito magistrados

brancos, seis homens e duas mulheres, nenhuma pessoa negra ou indígena. Daqui a vinte, quarenta, cem anos, as pessoas que virem estes retratos e dos demais diretores e diretoras que passarão a compor esta galeria, poderão constatar o que sabemos: em pleno século XXI, o Judiciário brasileiro é majoritariamente branco, masculino e heterossexual, refletindo falta de representatividade racial e de gênero comparativamente à população do nosso país. Retratos de nossos tempos - também em curso de reflexão e mudança. Nesse sentido, espero que um dia, não muito longe, eu possa, jubilada e com júbilo, participar da aposição de retratos de juízas e juízes que representem cada vez mais a população brasileira.

Vida longa à Escola Judicial! Agradeço o empenho de todos os servidores, terceirizados e estagiários da nossa EJUD4, de ontem e de hoje.

Muito obrigada!

Carmen Izabel Centena Gonzalez